



UMA ALMA NA BÉTULA RUSSA

Depois que morri, passei um tempo no limbo, talvez a espera de alguma definição pelos superiores.

E por lá muitas milhares de outras almas e por longo tempo, se assim posso dizer, permanecemos sem qualquer contato entre nós, apenas sabíamos que milhares de outros por lá estavam.

Tempos se passaram e então foi anunciado que voltaríamos. Voltaríamos para nossa terra, nosso antigo lar, cada um para uma nova vida, uma nova estrutura, onde passaríamos mais um ciclo.

Uma luz então tomou conta de inúmeros que lá estavam e tudo parecia ter terminado.

Quanto tempo levou então não sei dizer, mas quando abri os olhos, ou melhor, quando me dei conta de minha nova existência era um novo broto surgindo da terra.

Centímetro após centímetro ia surgindo de dentro da terra e quando senti pela primeira vez os raios solares senti um calor imenso mas fui me acostumando e a luz e as trevas da noite me faziam ser maior a cada novo dia.

Então num dia chuvoso surgi totalmente de entre a terra, comecei subir rumo às nuvens colorido de preto e branco com novos ramos e folhas.

Ainda pequeno naquela época, me lembro que animais passavam por ali e quando se descuidavam pisavam em mim, mas sempre resisti, também me lembro que muitas aves comiam frutas e sementes e as abandonavam por ali mesmo e sempre nova vida aparecia quer fosse temporária ou então eterna.

Animais iam e viam e sempre estávamos em seu caminho. Pude vislumbrar várias caçadas entre os habitantes daquela floresta no ímpeto de sobrevivência e algumas caçadas tinham o desfecho ao meu lado onde o vencedor se saciava no que agüentava e depois do repouso abandonava a presa para outros animais se banquetearem de suas sobras.

Vi também inúmeros panapanãs voando e muitas usavam meus galhos ou folhas para descansarem, também pássaros e mais pássaros.

Mas quando eu já estava grande, acompanhando os demais vizinhos da floresta e com um tronco resistente, depois de dezenas de invernos rigorosos, apareceram os primeiros humanos e então descobrimos como também tínhamos sido durante nossa existência humana; implacável, violento, agressivo, orgulhoso e imundo.

Abatiam animais apenas pela sede de disputa entre eles próprios, levavam suas carcaças ou peles para o comércio na distante cidade e derrubavam gigantescas árvores para suas



fogueiras, suas cabanas, suas pontes... e quando estavam cansados daquilo iam embora deixando para trás toda a sujeira humana e seus lixos amaldiçoando nossa tranquilidade e beleza selvagem. E assim foram muitas estas experiências que eu e meus vizinhos enterrados naquela floresta passamos, observando então agora que a cada verão que eles viam para cá, entravam mais e mais para dentro da floresta e as trilhas iam sendo abertas numa escala desprezível. Então quando menos se esperava uma fogueira distante abandonada iniciava um incêndio matando milhares de novas almas que surgiam naquele imenso jardim. Labaredas consumiam tudo pela frente e poucas vidas resistiam por onde elas passavam e quando cansavam apenas a água da chuva as derrotavam ou então o cair dos primeiros flocos de gelo anunciando novo inverno.



Quando eles – os humanos – iam embora retornando à sua vida mesquinha a floresta agradecia pela paz que retornaria, teríamos nossa vida de volta. “Adeus humanos” diziam todas as folhas em uníssono, acompanhado pelos animais que poderiam correr, saltar, nadar, enfim aproveitar o dia e a noite, sem estar correndo o risco de acabar numa coleira, num anzol, numa jaula ou então atravessado por um arpão ou uma bala disparada sem ressentimento algum.

Meus irmãos e irmãs, espalhados por toda a imensa e descomunal floresta de bétula que se estende por uma imensidão de terra, sentem o calor do sol, o frescor da noite, o abraço gelado do inverno e a cada ano subimos um pouquinho mais às nuvens.

Quando eu já estava imenso, humanos retornaram, mas agora para ficar. Uma família inteira, o macho, a fêmea e suas duas crias chegaram para ali instalarem seu lar. Árvores e mais árvores foram derrubadas e cortadas para madeira e estocados num canto daquele quadrado que fizeram, onde já não tinha qualquer árvore, qualquer grama, qualquer sinal de vida verde, apenas terra e mais terra e onde se começaram a fazer buracos para ergueram uma casa. A cada árvore que se atingia o chão um gemido atingia nossos sentidos e seiva então derramávamos de dor e este martírio se estendeu por dias.

A toca dos humanos foi tomando forma e então numa tarde quando o sol já estava se pondo o macho se aproximou de meu tronco e ficou parado um tempo por ali com as mãos na cintura pensativo. O que queria? Então a fêmea se aproximou e também uma de suas crias e conversaram bastante, e ele gesticulava e dizia várias coisas e sua cria chorou e o abraçou e ele disse “tão certo meu filho, vamos deixar essa árvore ai, até que ela é bonita” e se afastaram então, fecharam a porta da casa e foram jantar.

No outro dia, logo nos primeiros raios de sol, o menino saiu correndo da toca e abraçou-me e depois daquele dia ele sempre se sentava junto ao meu lado e brincava com o que podia ou então lia algum livro ou até mesmo jogava os novos jogos eletrônicos que afastam os olhares do mundo.



Nos dias que se seguiram o macho daquele ninho autorizou construir um jardim por ali e até mesmo bancos pediu para colocar perto de mim, assim sempre – quando o inverno não estava presente - os quatro humanos daquela família se sentavam no final do dia e conversavam, tomavam chá e também davam gargalhadas e sorridentes voltavam para casa e assim mais um dia havia terminado.

Ao longo do tempo a toca dos humanos foi ficando muito bonita e a família foi crescendo e as crias foram estudar em outro lugar, longe, e voltavam apenas durante o verão, depois quando eu já tinha ganhado nova altura as crias voltaram com novos humanos e abraçados então entravam na toca de seus pais. O menino, aquele que salvou minha vida quando era criança não deixando seu pai derrubar meu tronco, sentou-se com sua nova companheira no banco perto de mim e me abraçou como fazia naquela época de sua infância e então senti uma coisa estranha (não sei dizer).

Quando no outro verão ele retornou uma nova cria, toda envolta em roupas veio com ele e novamente ele foi sentar-se naquele velho banco e brincando com a criança falava de nossa história.

Aqueles humanos foram envelhecendo muito rápido, ficando mais e mais silenciosos e enclausurados na toca e poucas vezes viam ao banco de tantas histórias felizes acontecera. E novamente tempos depois eles partiram deste mundo. Então o inverno chegou, um inverno tão rigoroso que praticamente cobriu tudo por onde podíamos perceber, várias irmãs pereceram e a floresta ficou ainda mais triste. Suas devem ter ido ao limbo também onde eu estava.

O menino, agora homem, retornou um tempo depois e veio então morar naquela toca. Ele e sua companheira e seu menino trouxeram alegria novamente para aquele lugar. E ele sempre vinha ao banco onde cresceu e se sentia grato por poder dali ver o por do sol deixando seus raios se esconder por trás das árvores.

Ele partiu,

Seu filho cresceu,

Partiu também,

Seu filho então cresceu e teve novo filho e cresceu...

Walter Veroneze

03.03.2018